

Estratégia prevê política de boa vizinhança

JOSEMAR GIMENEZ e WALTER FALCETA

Embara tenha admitido publicamente que possa apoiar a candidatura do governador Antônio Carlos Magalhães à Presidência da República, Paulo Maluf não abdicou de seu sonho de chegar ao Planalto. Pelo contrário. Os afagos distribuídos a possíveis adversários fazem parte de sua estratégia política, que pretende manter abertos espaços para alianças. Maluf é candidato sim, mas preserva lideran-

ças que possam abrir portas importantes na corrida presidencial.

— Seria falta de humildade colocar-se já como candidato. O prefeito considera a possibilidade de composição com outras forças políticas para disputar o pleito de outubro — reconhece um colaborador.

A política de boa vizinhança de Maluf contempla o governador baiano e também o senador Jarbas Passarinho, que presidiu a CPI do Orçamento. Maluf vê em Passa-

rinho uma opção do PPR, um nome cuja aura de moralidade pode angariar importantes apoios também no PFL e no PP.

Na verdade, Maluf sabe que não pode ficar provocando nenhum líder político, principalmente Antônio Carlos. Em 1984, o governador detonara a candidatura de Maluf no Colégio Eleitoral dizendo que trair a revolução de 64 era apoiar Maluf para presidente da República. O ataque de Antônio Carlos era uma resposta à convocação feita

pelo então ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Matos, para que todos os adeptos do movimento de 64 apoiassem o então candidato do PDS. Desde então, Maluf e Antônio Carlos não falam mais a mesma língua política.

Na atual etapa de sua carreira política, Maluf opta pela prudência e o comedimento. Afoito em sua campanha presidencial, há uma década Maluf deixou escapar importantes apoios no Congresso e terminou batido por Tancredo Neves.